

FORMAÇÕES DISCURSIVAS EM TORNO DA RELAÇÃO SEXUALIDADE E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Renato Pereira Aurélio (IFES/CEFET-MG)

renatoaureliomg@vahoo.com.br

Alcinea Mascarenhas da Silva (UNEB)

Eliane Pereira Soares Lisboa (UNEB)

Sofia de Oliveira Gangá Viana (UNEB)

RESUMO

A *sexualidade e a gravidez na adolescência* constituem uma temática que demanda discussões em todo o mundo. Para um melhor entendimento dos possíveis fatores associados às gestações na faixa etária dos 12 aos 18 anos, é necessário perceber a complexidade e a multicasualidade desses fatores, que tornam os adolescentes vulneráveis. Frente às questões apresentadas, o presente trabalho justifica-se por trazer uma discussão com vistas à consolidação de medidas socioeducativas sobre o tema. Tem como objetivo compreender algumas relações discursivas acerca da sexualidade e gravidez na adolescência, identificando e repensando sobre tabus e preconceitos, considerando os fatores ideológicos. Primeiramente, partiu-se dos estudos bibliográficos, com base em autores como Glaucia da Motta Bueno (2006), Fernanda Freitas (2003), Marta Suplicy (1991; 1995) e outros, com suas respectivas considerações teóricas. No campo da análise do discurso, como dispositivo teórico e instrumento metodológico de análise, o estudo foi pautado em Eni Puccinelli Orlandi (1999; 2001) e Michel Pêcheux (1997).. Foi aplicado um projeto, envolvendo alunos do 8º e do 9º ano, do Colégio Municipal São Bernardo, situado na zona urbana do município de Itanhém – BA. Os 66 alunos participaram respondendo a questões, cujo intuito foi o de analisar as formações discursivas sobre a sexualidade e a gravidez na adolescência, contribuindo para o trabalho de prevenção realizado na escola. Procurou-se, portanto, buscar alternativas de orientação aos adolescentes e jovens no sentido de suprir os questionamentos levantados por eles, apresentando novas maneiras de abordar a temática da sexualidade, com amparo na análise do discurso.

Palavras-chave: Sexualidade. Gravidez. Adolescência. DST. Análise do discurso.

1. Introdução

Para a realização da pesquisa, foram definidos alguns objetivos, sendo que o geral foi compreender alguns aspectos discursivos acerca da sexualidade na adolescência, identificando e repensando sobre tabus e preconceitos referentes à sexualidade, considerando os fatores ideológicos. A partir das pesquisas e experiências adquiridas durante o curso de ciências biológicas, oferecido pela UNEB, através do Programa de Formação de Professores (PARFOR), foi proposto um projeto com a finalidade de orientar a atuação da comunidade do Colégio Municipal São

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Bernardo, situado no município de Itanhém, que é composto por uma clientela oriunda de diferentes níveis socioculturais, sobre a questão da sexualidade. Em seguida, foram realizadas as análises, a partir dos postulados da análise do discurso sob a orientação do Prof. Renato Pereira Aurélio.

A clientela da escola, em sua maioria, é constituída por alunos de baixa renda. No turno vespertino, onde se enfrenta o maior problema com a sexualidade, tal situação vem tomando sérias proporções, com influências para os aspectos social e econômico do município. A proposta da escola é atender os discentes, esclarecendo suas dúvidas, estabelecendo um vínculo de confiança, ajudando-os no seu amadurecimento e valorização como seres humanos. Faz-se necessária, portanto, uma educação voltada para a prevenção e conscientização.

Foi realizada uma palestra na escola, a fim de sanar algumas dúvidas sobre a sexualidade, gravidez e métodos contraceptivos, além de DST/AIDS. As alunas tiveram um encontro com a ginecologista Juliana Acácio. Já os alunos conversaram com o enfermeiro Sillas Prado Salomão sobre a temática. Assim, foi possível proporcionar condições aos estudantes de esclarecer dúvidas acerca da sexualidade na adolescência, em relação ao comportamento, atitudes e ansiedades, características dessa fase.

Com o intuito de contribuir com a redução à vulnerabilidade em adolescentes e jovens quanto à sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis (DST), infecção pelo HIV, gravidez não planejada etc., pretende-se, através do trabalho de orientação e pesquisa, tornar o adolescente um multiplicador, que possa influenciar na vida e na formação da comunidade, já que a sexualidade deve ser trabalhada no currículo escolar. A este respeito, Simaia Sampaio (1996) afirma que “a sexualidade deve ser orientada de forma a preparar o indivíduo para a vida, porém para educar é preciso que o educador esteja preparado para tal tarefa”. Sendo assim, é imprescindível a inclusão da temática educação sexual no planejamento escolar.

2. *Sexualidade na adolescência*

Sexualidade é uma característica humana que se apresenta em todas as fases da vida do indivíduo, seja através de experiências afetivas quando criança, através de contatos corporais que acompanham o seu

crescimento ou até mesmo no reconhecimento do seu próprio corpo, até alcançar a puberdade. A sexualidade por si só desperta a curiosidade no ser humano em aprender o porquê de tais mudanças e desejos, principalmente no período da adolescência, em que acontece a produção de hormônios, surgem intensas energias físicas, entusiasmo e inquietação.

Esse é um período de transição, marcado por mudanças no corpo, no comportamento e na forma de pensar, cujo ritmo não é o mesmo para todos. Com tantas alterações, é normal que apareçam sentimentos como angústia e medo, assim como contradição e vontade de experimentar novidades. Afinal, é nessa fase da vida que o jovem discute com ele mesmo e com os amigos quais traços de sua personalidade são positivos e devem ser mantidos, e quais são negativos e podem ser desprezados.

Na adolescência, é comum surgirem questionamentos sobre como as coisas são e por que não são de outro modo. A experiência de ser adolescente é única para cada pessoa, e ela certamente será influenciada pela cultura do indivíduo e pelas pessoas que o cercam. Os aspectos culturais podem ser determinantes nas escolhas do que vestir, comer, pensar, de como se divertir ou de quais planos e escolhas fazer, apontando para a influência da ideologia e dos discursos que subjazem a sociedade.

Durante a adolescência, é comum garotos e garotas estabelecerem fortes vínculos afetivos com os colegas, preferirem andar em grupos e manter contatos com os amigos. Os jovens ampliam a referência da família como ponto de apoio e buscam outras referências para construir sua identidade. Isso porque para os pais, tratar da sexualidade com os filhos significa se defrontar com sua própria sexualidade.

Nessa fase, o adolescente sente a necessidade de provar que é capaz de fazer o que quiser, de dar e de formular suas próprias opiniões, de tomar o comando de sua própria vida. Porém, ao mesmo tempo, existe ainda uma série de fatores, como a dependência emocional e a financeira, interagindo com todas essas questões. É uma fase em que eles querem ganhar o mundo, mas ainda há a necessidade de ter um apoio ou um colinho de mãe, com aprovação ou reprovação para o salto que querem dar. Esse processo pode ser difícil, já que nem todas as pessoas compreendem com clareza as mudanças que ocorrem com o adolescente. Ao mesmo tempo, as certezas de que temos muitas vezes, diferem das certezas das pessoas com quem convivemos, e isso pode trazer conflitos.

Na visão de Glaucia da Motta Bueno (2006) “não se pode descrever a adolescência como uma simples adaptação as mudanças corporais,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

mas como uma importante fase no ciclo existencial da pessoa, uma tomada de posição social, familiar, sexual e entre o grupo”. Toda mudança traz inseguranças e momentos de dúvidas, incertezas, muitas angústias e confronto, mas toda crise é também a oportunidade de superação e resolução de problemas, que podem ser redimensionados na busca de melhor qualidade de vida.

As crises que acontecem no período podem deixar marcas profundas na personalidade, mas fazem parte da construção da realidade de cada indivíduo. A sociedade, assim como a família, deve buscar meios de fazer parte desta construção, quebrando tabus em torno do tema, educando os seus filhos a respeito da vida sexual e suas práticas como também dos valores a serem respeitados. Ainda que este assunto seja considerado proibido em alguns círculos, hoje em dia há muito mais abertura para se conversar sobre sexo do que algumas décadas atrás.

As mudanças em relação à sexualidade têm mudado tanto, que os pais ficam perdidos para dialogar, pois antigamente as famílias não tinham muitas dúvidas em discernir sobre o que era certo ou errado. Hoje vivemos um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais (SUPLICY, 1999). Apesar da dificuldade dos pais em falar da sexualidade, fica entendido que é no convívio familiar, entre pessoas que transmitem respeito e carinho que jovens e adolescentes superam as dificuldades encontradas no seu cotidiano. Não se pode desconsiderar os valores, atitudes, crenças religiosas e culturais da família.

2.1. Doenças sexualmente transmissíveis: DST/AIDS

As doenças sexualmente transmissíveis constituem um dos problemas de saúde pública em todo o mundo. Entre adolescentes, o número de pessoas do sexo feminino que têm doenças sexualmente transmissíveis, dentre as quais a AIDS, já é maior do que o número de pessoas do sexo masculino. A adolescência é caracterizada por uma maior exposição de riscos, em virtude do processo natural do jovem em querer saber sobre todas as coisas que a vida tem a oferecer. O risco e a probabilidade de ocorrência de algum evento indesejável acabam se tornando algo independente do contexto social, tornando assim, motivo de preocupação para entidades de saúde pública. (BRASIL, 2000)

Atualmente existe um grande número de doenças no rol das DST, por serem os agentes causadores os mais diversos possíveis, incluindo os

vírus, bactérias, fungos, protozoários e outros. O meio mais eficaz de prevenir quaisquer doenças sexualmente transmissíveis ou a AIDS é com o uso de preservativos, porém, muitos jovens e adolescentes criam uma barreira muito grande em relação ao uso desse material. Além disso, a disponibilidade de preservativos em postos de saúde nem sempre é suficiente para que o adolescente ou o jovem quebre as barreiras, uma vez que se comprometerá, expondo sua vida sexual.

Para que um adolescente ou um o jovem venha a superar obstáculos pessoais, sociais, culturais a esse respeito. O Ministério da Saúde tem promovido campanhas de incentivos, como oficinas de prevenção à saúde, espaços de formação em que há uma maior informalidade, os participantes dão suas opiniões sobre os temas discutidos, brincam, compartilham suas experiências.

O portador de uma doença sexualmente transmissível é também um transmissor da doença, mesmo desconhecendo seu estado de infecção. Pois às vezes os sintomas desaparecem espontaneamente e a pessoa pode pensar que está curada. Mas sem o tratamento médico, a doença pode voltar mais agressiva e provocar consequências sérias. Importante salientar que a maioria das doenças sexualmente transmissíveis podem ser facilmente tratadas com medicamentos. De acordo com Romero (1989, p. 115-117), a melhor maneira de tratar uma doença venérea é evitá-la, usando o bom senso, reduzindo os parceiros e utilizando o preservativo (camisinha), em todas as relações sexuais, mesmo com as “pessoas confiáveis”.

Marta Supliciy et al (1995) afirmam que a AIDS é uma epidemia mundial e seu combate só será possível através de um trabalho de prevenção e conscientização da necessidade de se mudar comportamentos sexuais até agora aceitos como corretos. Segundo os autores, a população e principalmente os adolescentes necessitam ser esclarecidos de que o vírus da AIDS não está mais circunscrito aos chamados grupos de risco, mas envolve a todos, independentemente de classe social, raça, sexo, idade, crença religiosa, desde que não se protejam em seus relacionamentos sexuais.

Por ser uma doença que sofre mutações muito rápidas, a AIDS exige uma combinação de medicamentos que prolonga a vida do doente. Até então não foi possível desenvolver o medicamento que promova cura ao paciente infectado. Esses medicamentos retardam o aparecimento dos sintomas e melhoram a qualidade de vida. Com nível crescente de infor-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

mações veiculadas diariamente sobre a AIDS, era de se esperar que jovens e adolescentes procurassem mudar seus hábitos e costumes, que pudessem se prevenir, não se expondo à contaminação.

O melhor método para não adquirir a AIDS continua sendo a prevenção, usando-se a camisinha no ato sexual, seringas, agulhas e outros instrumentos cortantes descartáveis ou esterilizados, que possam entrar em contato com o sangue de uma pessoa infectada (doação de sangue). Também é considerada como uma prática sexual “segura” a relação entre parceiros que não sejam usuários de drogas e que tenham iniciado juntos (um com o outro) a vida sexual e se mantenham fiéis um ao outro. Entretanto, sabe-se que nos dias de hoje, tais hábitos são reconhecidamente pouco comuns.

O risco de contaminação não está vinculado à classe do indivíduo, nem à profissão que ele exerce, e sim à responsabilidade que cada um tem consigo. Cada um é responsável pela permanência ou não no grupo de risco, formado pelas pessoas que optam por uma vida sexual com vários parceiros ou ainda pelo compartilhamento de seringas entre dependentes químicos, sem fazer nenhum tipo de prevenção.

2.2. A gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência está acontecendo cada vez mais precocemente e com isso, os problemas se tornam mais graves, principalmente em adolescentes pertencentes a classes de menor poder aquisitivo, que geralmente são obrigadas a abandonar a escola ainda cursando o ensino fundamental. O nascimento de um filho traz muitas responsabilidades, para as quais o casal nem sempre está preparado. Isto é comum principalmente entre os adolescentes, que devem se lembrar de que a gravidez e os cuidados com o bebê vão ocupar parte do tempo que eles poderiam dedicar aos estudos ou ao início da carreira profissional.

Em muitos casos a gravidez precoce ocorre devido à falta de informação ou orientação. Em alguns casos, as adolescentes conhecem os métodos contraceptivos, mas se recusam a usá-los, pois isso implicaria assumir sua vida sexual. Ao engravidar, a adolescente passa por situações difíceis como ansiedade, medo e aceitação, por estar despreparada emocionalmente para encarar a maternidade.

Geralmente ocorrem essas situações emocionais por ser uma gravidez não planejada. Assim, ressalta Fernanda Freitas (2003) em seu li-

vro *Rotinas de Ginecologia*, que a falta do planejamento da gravidez na adolescência acontece em decorrência de uma atividade sexual não planejada e não protegida. Entretanto, outros autores consideram que a gravidez na adolescência também pode estar ligada a outros fatores.

Gláucia da Motta Bueno (2006) aponta que um dos fatores determinantes para a gravidez é a condição financeira, pois nas classes econômicas menos favorecidas, em que há falta de informação e menor acesso a métodos contraceptivos, adolescentes engravidam com maior frequência. A comunidade em geral e a família são primordiais, pois esta última é a base que poderá proporcionar compreensão, diálogo, segurança, afeto e auxílio para que tanto os adolescentes envolvidos quanto a criança que foi gerada se desenvolvam de maneira saudável.

No que se refere à participação da família, é importante esclarecer que as informações não sejam apresentadas como indicadoras de proibição, mas de orientação. É muito importante para os adolescentes, que haja entre eles e seus familiares, desde a infância, diálogos constantes acerca do desenvolvimento natural da sexualidade, para que os mesmos, ao iniciar sua vida sexual e afetiva, não venham a praticá-las como forma de compensar uma carência afetiva que possa ter fantasiado em um relacionamento que ansiava vivenciar durante a fase da adolescência. Ao perceber que esse adolescente, tanto do sexo masculino quanto feminino, já têm uma vida sexual ativa, torna-se necessário realizar uma quebra de tabus em relação à prevenção.

3. A importância da educação sexual na escola

O tema educação sexual é desafiante em todas as etapas da Educação Básica e, com frequência, esbarra em tabus, questões religiosas, valores morais, mitos e sentimentos. No ambiente escolar, muitos alunos se intimidam e ficam envergonhados em expor suas dúvidas. Outros fazem piadas ou deboçam do assunto.

Há aqueles que fazem questionamentos que colocam os professores em situações embaraçosas, caso eles não estejam preparados para abordar o tema. De fato, muitos educadores não se sentem à vontade para tratar de certos assuntos, uma vez que não são suficientemente trabalhados em muitos cursos de formação docente, de acordo com os PCN – orientação sexual. (BRASIL, 1998. p. 303)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Segundo Marta Suplicy et al (2004, p. 45-47), educação sexual é "todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia", enquanto orientação sexual pode ser definida como "processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas".

É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada.

O professor deve criar um clima de confiança, tranquilidade, seriedade e respeito para tratar a sexualidade e a afetividade de forma natural. Para isso, é preciso, acima de tudo, embasamento teórico, envolvendo conhecimento científico e uma discussão ampla sobre ética. A escola, como instituição responsável por formar cidadãos críticos, deve ajudar os adolescentes a viverem sua sexualidade de maneira responsável e saudável, acolhendo suas dúvidas e interesses. O primeiro passo para isso consiste em ensinar o respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro, considerando-se a diversidade. Fernanda Freitas (2003) explica que

(...) a educação sexual considerada formal ganha o espaço institucional das escolas e centros comunitários, sob a forma de ações, programas e projetos deliberados. Esta abordagem também pode reafirmar conceitos ou, numa segunda visão, promover a difusão de informações relativas à sexualidade, acompanhadas de questionamentos e discussão sobre a mesma. (FREITAS, 2003)

Por ser um ambiente de ensino e aprendizagem, a escola constitui um dos melhores espaços para se empreender essa discussão, pois é nesse ambiente que os jovens e adolescentes são instruídos para a vida. Neste sentido, é importante trabalhar a educação sexual de modo contínuo e permanente, envolvendo aspectos somáticos, emocionais, intelectuais e sociais do ser sexual, de maneira a enriquecer positivamente, melhorando a personalidade e a capacidade de comunicação.

Faz-se necessário que o educador compreenda o seu papel de informar, ensinar, e orientar dentro do processo de discussão. Mesmo que o tema seja um tema político-social com características formadas, é preciso

permitir ao aluno sua colocação no que diz respeito às formações imaginárias que circulam na sociedade a respeito do tema sexualidade.

4. Formações discursivas e formações imaginárias

Na *formação discursiva* as palavras significam de acordo a posição em que são colocadas, pois, “o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que são produzidas”. (ORLANDI, 1999, p. 42)

As palavras mudam de sentido de acordo com o lugar que ocupam e de quem as usa. Essa posição se relaciona com as *formações ideológicas* em que se inscrevem. Nesta perspectiva, a *formação discursiva* é definida “como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. (*Idem*, p. 43)

A *formação imaginária* também é um dos conceitos relacionados à análise do discurso. Sendo um ponto fundamental da disciplina, está alinhada às condições de produção do discurso, pois ocorre entre o *eu* e o *outro*, levando o emissor a construir uma imagem do receptor, e vice versa. Assim, imagina-se, por exemplo, o que o outro vai dizer, que resulta em “relação de força e antecipação do que se imagina” (PÊCHEUX, 1969). Ou ainda, “um dizer em relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”. (*Idem*, p. 39)

Neste contexto, a *formação imaginária*, filiada à *formação discursiva*, torna-se um mecanismo de antecipação da fala, em que o sujeito pode se colocar no lugar do seu interlocutor, prevendo o efeito de suas palavras e dando o sentido “desejado”, como explica Eni Puccinelli Orlandi:

[...] Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. (ORLANDI, 1999, p. 39)

Sendo assim, quando o sujeito enuncia, mobiliza um funcionamento discursivo, que remete às formações imaginárias, ou seja, a representação que o sujeito faz desse interlocutor, e direciona a produção de seu discurso. Através das condições práticas de produção de imagens é que se estabelece a posição do sujeito em presidir um jogo imaginário, formando assim as relações de sentido.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Isso ocorre devido à possibilidade de retornos de ideias, fazendo com que a formação imaginária, através dos processos discursivos observáveis na materialidade linguística, trabalhe para o efeito de sentido, constituindo a ilusão de um sentido único. Desta forma, “são as imagens que constituem as diferentes posições”. (*Idem*, p. 40)

Por isso, a análise é de fundamental importância, pois é ela que diferencia os sentidos produzidos, compreendendo o que foi dito. Também é primordial remeter o conteúdo do discurso a uma *formação discursiva*, para melhor compreensão sobre a posição defendida em um determinado texto a ser analisado. Neste caso específico, sobre as entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo, em torno da sexualidade e da gravidez na adolescência.

5. Metodologia

Antonio Carlos Gil (1999) aborda a pesquisa enquanto instrumento formal e sistemático, que objetiva encontrar as respostas para os problemas, tendo como premissa o método científico. Nesse contexto, a pesquisa consiste no processo de investigação, na busca por respostas para a compreensão dos problemas existentes. Considerando-se a necessidade de se reportar aos estudiosos da área, a vertente bibliográfica constituiu-se como elemento basilar deste estudo.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal São Bernardo, situada à Avenida Teixeira de Freitas s/n, no Bairro São João, município de Itanhém – BA. Para tanto, solicitamos autorização da direção e vice direção da escola. A instituição foi criada em 1962, substituindo o Colégio São Bernardo, que já funcionava no mesmo local desde a década de 60.

Mantida pela Prefeitura Municipal de Itanhém, tem o corpo docente composto por profissionais das diversas áreas, muitos com o nível superior completo ou em fase de conclusão (trinta efetivos e oito temporários). Além da diretora, a escola possui três vice-diretoras, sendo uma para cada turno. As três possuem graduação em pedagogia.

A escola oferece ensino fundamental do 6º ao 9º Ano nos turnos matutino e vespertino, além da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no noturno. No ano de 2013, quando foi realizada a pesquisa, a escola contava com 1050 alunos. No turno matutino, que oferece o ensino fundamental, havia 450 estudantes matriculados, assim como no

vespertino, com um total de 900 alunos. Já no turno noturno, que oferece a modalidade EJA I e II, havia 150 matriculados.

Devido à participação ativa dos sujeitos envolvidos, o estudo pode ser considerado como pesquisa-ação, a saber, “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a regulação de um problema coletivo” (THIOLLENT, 1982, p. 98-100). Desse modo, foram realizadas diversas ações na instituição selecionada para o estudo, com base nas teorias e investigações.

O estudo seguiu os seguintes procedimentos: i) contato com a Escola Municipal São Bernardo para apresentar o projeto, detalhando os objetivos e a metodologia a ser aplicada; ii) contato com os sujeitos da pesquisa (66 alunos do 8º A e 9º A ano, do turno vespertino, na faixa etária dos 13 a 18 anos); iii) explicação aos mesmos sobre os objetivos do estudo e de que modo seria a participação dos mesmos; e iv) aplicação das atividades na escola.

Durante a pesquisa-ação, foi realizada uma palestra e registros das informações obtidas pelos pesquisadores durante uma dinâmica. Foi proposta a dinâmica da caixinha, que consistiu em apresentar duas questões discursivas, de maneira que os alunos deveriam depositar as respostas na mesma. O objetivo foi coletar e analisar as impressões dos sujeitos sobre a temática da sexualidade e gravidez na adolescência, identificando as formações imaginárias e os aspectos ideológicos envolvidos nesse processo. Para preservar o anonimato dos participantes, eles foram identificados através de simbologia, utilizando-se a letra A, com numeração progressiva, conforme aparecerá na análise e discussão (A1, A2...).

Na dinâmica, foram feitas duas perguntas aos jovens:

- Em sua opinião o que é sexualidade?
- Considerando o tema sexualidade, o que vem a sua mente?

As respostas apresentadas foram agrupadas em duas categorias, respectivamente. Na primeira categoria, concepção de sexualidade, foram analisadas cinco respostas. Já na segunda categoria, Sexualidade e prevenção, foram analisadas três respostas. A partir das respectivas respostas, foram identificadas as *formações discursivas* e as *formações imaginárias*.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

6. Análise e discussão

As acadêmicas juntamente com a direção da escola promoveram uma palestra com o tema "sexualidade e gravidez na adolescência", para os jovens e adolescentes dos turnos matutino e vespertino, além dos jovens e adultos do noturno, com o objetivo de sensibilizar os mesmos, tirando suas dúvidas acerca da questão em debate. Os palestrantes alertaram os professores da instituição de ensino para a necessidade de criarem espaços para que o adolescente possa dialogar, refletir e trocar informações sobre seus medos e dúvidas, mitos e tabus.

Durante uma roda de conversa, alguns alunos do turno vespertino diziam saber tudo sobre sexualidade e gravidez na adolescência, mas tinham dúvidas sobre os métodos contraceptivos. Mediante a essa situação contraditória, houve uma conversa mais informal, estimulando-os e explicando que as dúvidas são comuns em todas as faixas etárias. Em seguida, foi realizada a dinâmica da caixinha. Ressaltamos que as respostas que eles haviam colocado dentro da caixa eram secretas e que ninguém poderia identificar o autor. Vejamos:

6.1. Concepção de sexualidade

FORMAÇÕES DISCURSIVAS	Sexualidade como expressão de sentimento	Sexualidade como forma de obter prazer	Sexualidade como forma de gerar filhos e constituir família
 FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS	A1: A sexualidade é uma forma de expressarmos nossos sentimentos com a pessoa que amamos.	A3: Sexualidade está associada ao prazer.	A10: Acredito que a sexualidade é feita por duas pessoas de sexo oposto, que podem gerar um filho ou uma filha.
	A2: Sexualidade não é só sexo é ter amor e sexo também, mas tem que ter mais amor.	—	A12: É ter amor pelo seu parceiro seja ele namorado ou esposo, casar e poder ter filhos ou não.

Quadro 1:

Formações discursivas e imaginárias relacionadas à concepção de sexualidade

De acordo com Eni Puccinelli Orlandi (1999), a noção de *formação discursiva*, ainda que polêmica é básica na análise de discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação

com a ideologia e também o estabelecimento de regularidades no funcionamento do discurso. A partir das respostas supracitadas, foi possível identificar elementos do discurso relacionado ao sexo, que, muitas vezes está associado ao sentimento, no caso dos dois primeiros sujeitos.

A sexualidade, para alguns alunos, é vista como forma de afetividade, como ato de amor e carinho com o outro. Também é associada ao ato sexual feito com amor ou deixando-se de lado o sentimento. Trata-se de uma influência da ideologia e das formações discursivas. A sexualidade também pode ser vista como relacionamento amoroso entre duas pessoas, sendo que deste relacionamento pode resultar uma união como o casamento e geração de filhos. A este respeito, Eni Puccinelli Orlandi (1999, p. 74) afirma que “é por essa articulação necessária e sempre presente entre o real e o imaginário que o discurso funciona”.

As formações imaginárias constituem, por sua vez, mecanismos que produzem imagens do sujeito, relacionando-se com o material e o institucional, ou seja, com o equívoco, a historicidade e a formação social. Através dessas condições de produção é que se estabelece a posição do sujeito locutor e interlocutor, fazendo com que a troca de palavras seja presidida por um “jogo imaginário”. Desta forma, “são as imagens que constituem as diferentes posições”. (*Idem*, p. 40)

Assim, no que diz respeito à categoria Concepção de Sexualidade, cada formação discursiva, com as respectivas formações imaginárias, representadas pelas respostas dos sujeitos, revelam a manifestação de condutas e ideias, a partir de ideologias e discursos que permeiam a sociedade. Através da fala dos alunos, é possível depreender como cada um se porta e a que associam a sexualidade.

6.2. Sexualidade e prevenção

Nesta categoria, foi possível observar, através das formações discursivas e das formações imaginárias identificadas, que a manifestação da sexualidade, para os adolescentes, surge como cuidado, especialmente no que refere à prevenção de doenças. Uma das falas traduz que este cuidado vem acompanhado de sentimentos como o amor. Para outros dois sujeitos, não há esta relação direta com o sentimento.

FORMAÇÕES DISCURSIVAS	Prevenção como expressão de sentimento	Prevenção como necessidade
------------------------------	---	-----------------------------------

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

 <p>FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS</p>	<p>A18: A sexualidade é um ato de amor, de respeito responsabilidade, carinho e a camisinha é essencial para se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis: como HIV, hepatite e gonorreia. E a camisinha também previne a gravidez indesejável. Então amor sem camisinha não é amor é burrice. Então se previna. Usar camisinha sim que é amor.</p>	<p>A9: Eu entendo que as doenças sexualmente transmissíveis (DST e AIDS), só acontecem se não usar camisinha e se fizer transfusão de sangue.</p>
	<p>—</p>	<p>A15: É começar sentir vontade de ter relação, mas não pode se esquecer de usar a camisinha sempre.</p>

Quadro 2:

Formações Discursivas e Imaginárias relacionadas à sexualidade e prevenção

A presença do preservativo (camisinha) tanto masculino quanto feminino foi citada muitas vezes, seja para a prevenção de doença, quanto para evitar a gravidez, durante a roda de conversa. Do mesmo modo, apareceu nas respostas, durante a dinâmica. As formações imaginárias fazem “parte do funcionamento da linguagem” (*Ibid.*, p. 42) e contribuem para a constituição das condições em que o discurso é produzido e para a sua significação.

No caso desta categoria, do mesmo modo, estão relacionadas ao aspecto social, através das campanhas governamentais, em conjunto com as escolas (prevenção contra DST e cuidado com a gravidez precoce); das novelas e filmes (aproximação entre amor e sexo); das músicas de alguns ritmos como o Axé (banalização da sexualidade); da internet (acesso livre à pornografia) etc.

Com efeito, todos estes elementos colaboram para a construção das imagens dos sujeitos e das suas concepções sobre sexualidade. Afinal, o sentido de um discurso dependerá da formação discursiva em que ele se inscreve, resultando em um sentido e não em outro. “Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem”. (*Ibid.*, p. 43)

7. Considerações finais

Ao final desse trabalho, apesar de reconhecer que o nosso objetivo foi atingido, observa-se que há muitos adolescentes e jovens que ainda

hoje têm dificuldade de falar sobre o tema. Na escola em que foi realizado o estudo, houve a participação de 66 alunos de duas turmas (8º e 9º Ano do turno vespertino), os quais puderam sanar muitas dúvidas em relação à temática *sexualidade e gravidez na adolescência*. No primeiro momento, pareciam não se interessar, por vergonha ou por se tratar de um assunto muito polêmico. Entretanto, foram “se soltando”, revelando aspectos ideológicos e discursivos que envolvem a questão.

Com a realização desse projeto, atingimos não só os jovens e adolescentes, como também a comunidade escolar e os familiares, que se tornaram multiplicadores de informação. Em relação ao trabalho escolar, no que tange à participação dos educadores, ficou claro que alguns docentes ficaram envergonhados em trabalhar de forma interdisciplinar com o tema, em sua sala de aula, pois mesmo nos dias atuais, muitos tabus ainda permanecem vigentes e precisam ser quebrados. Entende-se, portanto, que os professores também têm uma responsabilidade muito grande no sentido de planejar ações voltadas para esta necessidade.

Ficou claro, após a conclusão desse trabalho, que através das metodologias aplicadas, envolvendo a pesquisa-ação e a análise do discurso, houve uma maior compreensão sobre como o tema sexualidade e gravidez na adolescência se manifesta através da linguagem dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Considerando-se as questões da dinâmica, observou-se que na categoria *Concepção de Sexualidade*, as imagens que os adolescentes fazem sobre a temática estão vinculadas às seguintes formações discursivas: i) Sexualidade como expressão de sentimento; ii) Sexualidade como forma de obter prazer; e iii) Sexualidade como forma de gerar filhos e constituir família. Com relação à categoria *Sexualidade e Prevenção*, as imagens se relacionam às seguintes formações discursivas: i) Prevenção como expressão de sentimento e ii) Prevenção como necessidade.

O estudo ora realizado se torna pertinente porque é justamente no âmbito da formação ideológica de cada indivíduo que se estabelecem as práticas materiais do mesmo, em meio ao seu grupo. Portanto, entender as imagens que os alunos compartilham sobre o tema *sexualidade e gravidez na adolescência* é fundamental para estabelecer o diálogo e proporcionar estratégias de prevenção mais eficazes.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da criança e do adolescente*. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL, Programa Nacional de DST/AIDS. *Manual de controle das doenças sexualmente transmissíveis*. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

BUENO, Gláucia da Motta. *Variáveis de risco para a gravidez na adolescência: Adolescência, sexualidade e gravidez*. 2006.

FREITAS, Fernanda et al. *Rotinas de ginecologia*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *A análise de discurso: três épocas* (1983). In: GADDET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

ROMERO, Mauro. *Doenças sexualmente transmissíveis*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SAMPAIO, Simaia. *Educação sexual para além dos tabus*. Salvador, UFBA, 1996.

SARDANO, Edison de Jesus. *Adolescer*. Verbo transitório. 1. ed. São Paulo: Centro Espírita Dr. Bezerra de Menezes, 1998.

SUPLICY, Marta. *Sexo para adolescentes*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1995.

SUPLICY, Marta. *Conversando sobre sexo*. 17. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 1999.

SUPLICY, Marta et al. *Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia*. 10. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1982.